8 de Agosto de 2018
Edição em Português Nº 1
Valor Solidário

Lugar à Mulher Trabalhadora

Inesgotáveis fontes de devoção, abnegação e espírito de sacrifício

Reproduzimos o panfleto perante a votação no Senado Argentino da lei do Aborto do "Paso a la Mujer Trabajadora" da Argentina

NÃO DEIXEMOS QUE NOS ROUBEM NO PARLAMENTO DOS PATRÕES E DO IMPERIALISMO O QUE JÁ CONQUISTAMOS COM A LUTA E NAS RUAS!

ABORTO LEGAL, LIVRE, SEGURO, GRATUITO E DE QUALIDADE!

Nas clínicas dos Convênios Médicos e nos hospitais públicos e privados!

PAGO PELO ESTADO E TODA A PATRONAL!

Para não morrer nos hospitais, nos postos destruídos e sem insumos!

Triplicação do orçamento de saúde e de educação na base do imposto progressivo às grandes fortunas e no não pagamento da dívida externa!
Separação da igreja do Estado e expropriação sem pagamento de todos seus bens!
Basta de subsídios à educação privada e da igreja!

Nenhuma confiança nos partidos patronais, seus deputados e senadores. Os de cima só dão alguma coisa quando temem perder tudo! Esse 8 de agosto ganharemos as ruas em mais de 30 países em luta por nossos direitos! Aprofundemos o caminho internacionalista do 8 de março e dos combates do 18 e 19 de dezembro para conquistar realmente o aborto legal e de todas as demandas da mulher trabalhadora.

"Nenhuma mulher morta por aborto clandestino"

Agora queremos tudo! Igual trabalho, igual salário! Creches, lavanderias e refeitórios de qualidade abertos as 24 horas pagos pelo estado e a patronal!
A melhor educação e saúde para nossos filhos!

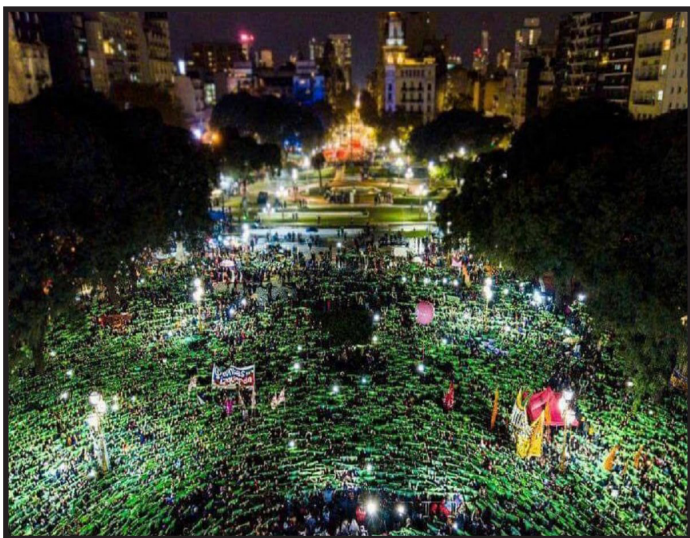
Segue na p[agina 2

Nossa luta pela legalização do aborto, para não morrer nem ser presas por fazê-lo, é a mesma luta pelo salário ao nível do custo da vida, pelo trabalho e por uma educação e uma saúde digna e de qualidade.

ABAIXO A PODRE BUROCRACIA SINDICAL! Cúmplice de nossa tripla exploração e que está entregando todas nossas conquistas e garante a reforma trabalhista junto com os patrões.

Para conquistar todas nossas demandas...

PLANO DE LUTA JÁ! GREVE GERAL!

FORA MACRI! FORA O FMI! QUE SE VÃO TODOS!

13 de junho: Concentração no Parlamento Argentino

10 de julho: Concentração na CGT em Buenos Aires

Basta de perseguir e encarcerar aos que lutam! Liberdade para Jones Huala e Diego Parodi! Basta de perseguir a Sebastián Romero, Ponce e Arakaki! Absolvição dos petroleiros de Las Heras condenados a prisão perpétua por lutar e desprocessamento dos mais de 7.500 trablhadores! Julgamento e punição para todos os assassinos de Santiago Maldonado e Rafael Nahuel! Vidal Assassina! Justiça por Sandra e Rubén assassinados pelo estado! Basta de escolas Cromañón!

Em mais de 30 países as mulheres trabalhadoras se mobilizam em apoio às mulheres trabalhadoras argenitnas! Viva o internacionalismo proletário da Mulher Trabalhadora!

"De agora em diante, a mulher deve começar por deixar de ser uma 'irmã da caridade', no sentido político do termo. Participará de forma direta no principal front da batalha revolucionária. E é por isso que, do profundo do meu coração, ainda que seja com algo de atraso, saúdo essa Conferência Mundial de Mulheres e grito com vocês: Viva o Proletariado Mundial! Vivam as Mulheres Proletárias do Mundo!" (Leon Trotsky, 1921)

A crise econômica aberta em 2007-2008, não fez mais do que aprofundar as péssimas condições de trabalho e escravidão da mulher trabalhadora, enchendo as maquiladoras das transnacionais que produzem com operários escravizados na Índia, China, Bangladesh, Camboja, México, Guatemala, Honduras, e geralmente, no mundo colonial e semicolonial.

Na luta contra a exploração, a opressão, as condições de trabalho a mulher tem sido e é protagonista e vanguarda. Desde a revolução Palestina no ano 2000 as mulheres combateram junto com seus filhos, a juventude explorada, nos acampamentos. Nos dois embates revolucionários na Bolívia em 2003-2005 na primeira fileira do combate e hoje enfrentando as demissões nos socavões das minas em Huanuni. Nas barricadas, no movimento de desempregados na Argentina no ano 2001 e garantindo a comida dos movimentos piqueteros (nome dos movimentos de luta dos desempregados da Argentina, NdeT), na fábrica Brukman, em Las Heras, Terrabussi. Nas revoluções do Norte da África e Oriente Médio que começaram no ano 2011 que como na Líbia as mulheres operárias iam procurar seus filhos que estiveram presos durante anos nas masmorras de Khadafy para que saiam para combater; foram vanguarda no Egito as operárias têxteis que enfrentaram estupros e os abusos com os quais tentaram submetê-las.

A mulher foi um exemplo nos combate que deu nossa classe desde que surgiu como tal, como foram as operárias de Viborg saindo à greve e sendo vanguarda nas jornadas que deram início à Revolução Russa no dia 8 de março de 1917, no dia internacional da mulher.

Apresentamos nesse material, no qual, contra o reformismo pequeno burguês e contra o feminismo das correntes socialimperialistas e seus programa de conciliação de classes, levantamos o programa do trotskismo e do marxismo revolucionário para a mulher trabalhadora.

Como coloca o Programa de Transição de 1938: Lugar à mulher trabalhadora!

Reforma versus revolução: o programa do marxismo contra a tripla exploração das mulheres trabalhadoras*

A mulher da classe trabalhadora, na primeira fila de combate dos explorados na Palestina, Bolívia, Argentina, Iraque ...

LUGAR À MULHER TRABALHADORA!

O marxismo revolucionário e os direitos das mulheres trabalhadoras na era imperialista

Precisamente por causa do papel de vanguarda inegável que as mulheres trabalhadoras, como o setor mais explorado da classe trabalhadora tem demonstrado ao longo da história da luta da classe trabalhadora, especialmente nas lutas revolucionárias dos primeiros cinco anos do século XXI, as direções traidoras e a internacional contrarrevolucionária que as agrupa, o Fórum Social Mundial, dedicam uma atenção especial a isso.

Como parte de sua política de colaboração de classes, estas direções colocaram de pé instituições (reuniões, fóruns, etc.) para tentar subordinar as mulheres trabalhadoras ao programa e política da burguesia, isto é, à burguesia e ao feminismo pequeno-burguês dizendo às mulheres trabalhadoras que a opressão que sofrem na sociedade capitalista não se origina em um problema de classe, mas em um problema de "gênero". Por esta razão, o Fórum Social Mundial define que há um problema de "opressão das mulheres", independentemente da classe à qual a mulher pertence: se à burguesia ou ao proletariado. Portanto, o slogan do movimento feminista do FSM é «o gênero nos une, a classe nos divide».

Contra isso, nós trotskistas afirmamos -e nesta série de artigos que hoje começamos- a mulher da burguesia não tem nenhum problema, não sofre "opressão" por ser mulher, mas, pelo contrário, como burguesa, explora as trabalhadoras e trabalhadores do sexo masculino. Mostraremos então que os únicos oprimidos e triplamente explorados na sociedade capitalista são as mulheres trabalhadoras e classes exploradas. Contra a política do FSM que empurra as trabalhadoras à colaboração de classes com a burguesia pela via de sentir-se "unidas pelo gênero" com as mulheres

→

* Originalmente publicado em Democracia Obrera No. 16, julho de 2006

burguesas, nós trotskistas afirmamos que o programa do marxismo revolucionário na época imperialista, estabelecido pela III Internacional Revolucionária, que diz: "*o Terceiro Congresso da Internacional Comunista confirma os princípios fundamentais do marxismo revolucionário, segundo o qual nenhum problema 'especificamente feminino'; toda relação das operárias com o feminismo burguês, e todo o apoio dado por ela* à tática das medidas intermédias e *da aberta traição pelos partidários da colaboração de classes e oportunistas, nada faz senão enfraquecer as forças do proletariado e, desacelerando a revolução social, ao mesmo tempo impedindo a realização do comunismo, isto é, a libertação das mulheres. Nós não chegaremos ao comunismo, exceto pela união na luta de todos os explorados e não pela união das forças femininas de duas classes opostas*". (Tese de propaganda entre mulheres, Terceiro Congresso da Terceira Internacional, junho de 1921).

Começaremos esta série então, reestabelecendo os princípios do marxismo revolucionário abordando a questão das mulheres trabalhadoras, como fora brilhantemente definido por aquela escola de estratégia revolucionária que foi a Terceira Internacional, e que depois foram bastardeados, revisados e destruídos pelo stalinismo, e também pelos liquidadores do trotskismo que passaram abertamente à política de colaboração de classes, passando também às fileiras da burguesia e do feminismo pequeno-burguês, envenenando a consciência das mulheres da classe operária.

A libertação das mulheres trabalhadoras só será possível derrubando o capitalismo

O programa revolucionário frente às mulheres trabalhadoras é, em primeiro lugar, o programa de luta pela revolução socialista vitoriosa, a tomada do poder e a imposição da ditadura do proletariado, sem a qual não é possível libertar a classe operária, da qual a mulher trabalhadora é parte. Porque, como dizia a III Internacional Revolucionária: "*Enquanto houver a dominação do capital e da propriedade privada, a libertação das mulheres não será possível (...) A igualdade* não-formal, mas real das mulheres só é possível sob um *regime em que as mulheres da classe operária sejam donas dos seus instrumentos de produção e distribuição, participando na sua gestão e tendo as mesmas obrigações de trabalho sob as mesmas condições que todos os membros da sociedade de trabalho; em outras palavras, essa igualdade só é possível após a destruição do sistema capitalista e sua substituição pelas formas econômicas comunistas.*"

"*Somente o comunismo criará um estado de coisas em que a função natural da mulher, a maternidade, não estará em conflito com obrigações sociais e não impedirá o trabalho produtivo adicional para o bem da comunidade. Mas o comunismo é, ao mesmo tempo, o objetivo final de todo o proletariado. Consequentemente, a luta das trabalhadoras e dos trabalhadores por esse propósito comum deve ser dirigida inseparavelmente ao interesse de ambos.*" (idem)

Inclusive os direitos democráticos mais básicos das mulheres - como o direito ao aborto, ao divórcio, ao voto, à livre escolha de sua preferência sexual, etc. - só podem ser conquistados completa e efetivamente se forem tomados pelas mãos firmes das mulheres da classe operária, como parte de sua luta e de seu programa.

Esta é a primeira coisa que os reformistas negam, dizendo que é uma questão de gênero, querem que acreditemos que as mulheres trabalhadoras podem conseguir sua liberação como mulher dentro do sistema capitalista, lutando pela igualdade formal de direitos. Em busca desse objetivo, eles dizem à mulher que é uma questão de lutar pelos direitos democráticos reformando esse sistema, escondendo o caráter de classe de sua opressão e também o caráter de classe de suas lutas e demandas, incluindo a mais elementar das lutas que é, por um mesmo trabalho, que o patrão pague o mesmo salário que paga aos trabalhadores do sexo masculino. Querem que acreditemos que a igualdade salarial é uma "demanda democrática", quando é uma exigência de classe que significa enfrentar juntos, trabalhadores homens e mulheres, a burguesia. Isto é, uma classe contra classe, contra a burguesia de ambos os sexos. É por isso que os reformistas nunca podem explicar por que, mesmo em países onde as mulheres têm direito a voto, divórcio, aborto, etc., isto é, igualdade formal de direitos com os homens, sempre que a mulher trabalhadora faz o mesmo trabalho que de um trabalhador homem, ele recebe um salário menor.

Eles não sabem responder a essa pergunta, porque significa desvelar o mecanismo de opressão de classe das mulheres, que a burguesia, suas instituições e seus lacaios das direções traidoras escondem como um segredo mais bem guardado.

→

A tripla exploração das mulheres trabalhadoras na sociedade capitalista

8M: Estado Espanhol Greve Internacional de Mulheres

O "segredo" que explica a diferença salarial é muito simples: a mulher da classe trabalhadora, além de ser explorada em fábricas como os trabalhadores do sexo masculino, tem uma particularidade: realiza trabalho adicional, como trabalho doméstico e criação de filhos, as crianças, que não é pago. Ou seja, executa um trabalho **gratuito** suplementar. Portanto, as mulheres trabalhadoras estão sujeitas à tripla exploração no sistema capitalista. Vejamos.

Em primeiro lugar, e exatamente da mesma forma que acontece com os trabalhadores do sexo masculino, a mulher trabalhadora é forçada a vender sua força de trabalho ao patrão nas fábricas, em troca de um salário. Ou seja, tanto a trabalhadora quanto o trabalhador homem são explorados pela burguesia, que extrai deles mais-valia. Por essa razão, e como dissemos anteriormente, há apenas uma e a mesma luta dos trabalhadores - mulheres e homens- contra a burguesia, pela revolução e pela tomada do poder.

No sistema capitalista, o patrão compra a força de trabalho do trabalhador. A força de trabalho é, então, mais uma mercadoria. E por esse motivo, como todas as mercadorias, seu valor é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-lo, neste caso, para **reproduzir** essa força de trabalho. Portanto, o salário que o empregador paga ao trabalhador corresponde, em média, à quantidade mínima de comida, roupa, etc., necessária para que o trabalhador reproduza sua força de trabalho, para vendê-lo de volta ao empregador no dia seguinte; e para que reproduza a classe trabalhadora, isto é, que possa alimentar e criar seus filhos, que serão os futuros trabalhadores a serem explorados pelo patrão.

Agora, uma vez terminada sua jornada de trabalho, para voltar no dia seguinte para vender sua força de trabalho, o trabalhador tem que se alimentar para recuperar suas energias; tem que tomar banho, trocar de roupa, dormir, etc.

Isso significa realizar trabalho doméstico que recai principalmente sobre a mulher trabalhadora. Fazer as compras, cozinhar, lavar roupas, limpar a casa, passar a ferro, etc., enfim, todo o trabalho indispensável para que o trabalhador no dia seguinte possa vender sua força de trabalho novamente, é um trabalho socialmente necessário realizado pela uma mulher da classe trabalhadora que nem os patrões nem o Estado burguês pagam: é trabalho não remunerado, isto é, **gratuito.**

Por essa razão, a mulher trabalhadora é duplamente explorada: tanto na fábrica como seu companheiro homem, e com o trabalho doméstico - trabalho socialmente necessário - que o patrão não lhe paga.

Mas, além disso, a natureza deu às mulheres o papel de serem as que gestam as crianças em seu ventre. Na sociedade capitalista, a trabalhadora gesta e cria seus filhos, isto é, os futuros trabalhadores que o patrão irá explorar na próxima geração. O trabalho de criar os filhos até que atinjam a idade em que podem ser explorados pelo empregador, é também um trabalho socialmente necessário que a trabalhadora faz sem cobrar por isso; é um trabalho não remunerado. Isso completa a exploração tripla das mulheres trabalhadoras na sociedade capitalista: como trabalhadora, como dona de casa e como mãe.

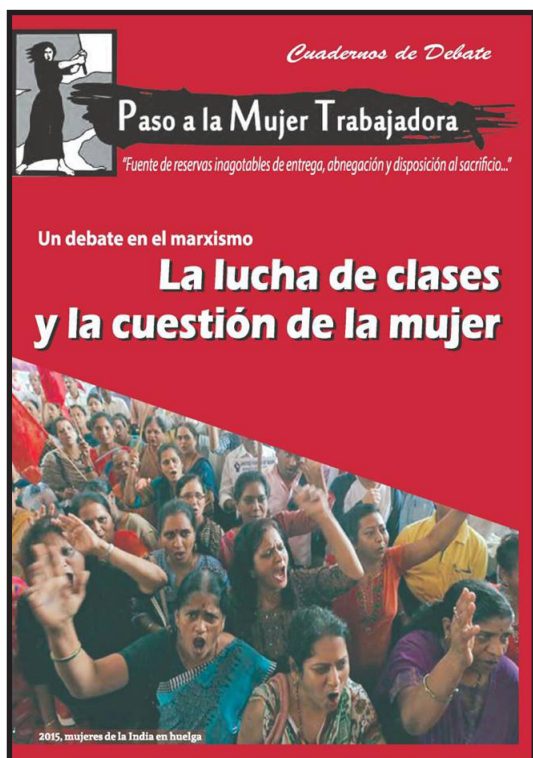
Só a partir desta explicação marxista, é possível revelar o segredo de que por um trabalho igual, a mulher trabalhadora recebe menos salário de seu parceiro homem: porque o patrão sabe que a mulher que trabalha realiza um trabalho extra livre, e que deprecia, desvaloriza a força de trabalho feminina. Essa é a explicação que os reformistas do Fórum Social Mundial não querem, porque assim seria revelado que a burguesia - da qual as direções traidoras são agentes dentro da classe operária - rouba o trabalho doméstico e de criação dos filhos da mulher trabalhadora.

Tomemos um exemplo: na Argentina, a INDEC avaliou que o trabalho doméstico não remunerado feito pelas mulheres trabalhadoras em um ano, representa um valor de ... dezesseis bilhões de dólares! E isso, tendo em conta que o cálculo foi feito com base no que seria pago nesse emprego, um valor de um salário que é muito baixo na Argentina. Dezesseis bilhões de dólares por ano: é o que os patrões ganham, só na Argentina, isto é, o que eles roubam e guardam nos seus bolsos, às custas da exploração tripla das mulheres trabalhadoras!

Portanto, o problema não é de "gênero", mas de classe. "Machismo" não é nada mais do que a ideologia que a burguesia impõe para manter este trabalho roubado das mulheres trabalhadoras, fazendo as massas exploradas acreditarem que o trabalho doméstico e a criação dos filhos são tarefas que são dadas às mulheres de uma maneira "natural" - isto é, biologicamente condicionada. A igreja, a escola, a própria família são as instituições responsáveis por reproduzir e transmitir essa ideologia, para garantir que essa exploração tripla das mulheres trabalhadoras seja mantida.

As mulheres trabalhadoras estão unidas pelos interesses da classe trabalhadora
Tudo nos separa das mulheres burguesas: a luta é classe contra classe

Desvelado o "segredo" da exploração tripla, também colapsa como um castelo de cartas a afirmação dos reformistas de toda pelagem, que o problema é "gênero" e não de classe. Porque a mulher da classe burguesa não está sujeita a essa exploração tripla. Vejamos. A mulher burguesa não é explorada na fábrica por nenhum patrão, ela é a patroa. Ela não realiza tarefas domésticas, mesmo que ela não faça atividades de trabalho fora de casa: primeiro, porque ela tem disponível a mais recente tecnologia em eletrodomésticos. Mas acima de tudo, porque como patroa, ela escraviza outras mulheres como serventes para limpar, cozinhar, lavar roupas, etc. O mesmo se aplica em relação à criação dos filhos: as mulheres da burguesia, desde a gravidez, tem o melhor cuidado médico, e uma vez que a criança - que será o herdeiro da propriedade privada burguesa - tem à sua disposição e pode pagar as melhores babás, jardins de infância, escolas, universidades, etc., e tudo o que é necessário para o seu filho crescer sem perder nada, e sem significar qualquer trabalho para ela.

A mulher da burguesia então não tem problema: a única triplamente explorada é a mulher da classe trabalhadora. Portanto, ao contrário da política das correntes reformistas que dizem aos trabalhadores que "gênero nos une e a classe nos divide", nós trotskistas afirmamos: as mulheres trabalhadoras não tem nada que nos une às mulheres burguesas, tudo nos separa. Não temos nada em comum com as Amalita Fortabat, Hillary Clinton, Michelle Bachelet, Margareth Thatcher, Cristina Kirchner, Lilita Carrio, etc. Nossa tarefa é lutar ombro a ombro com nossos companheiros trabalhadores do sexo masculino como classe trabalhadora para a derrubada da burguesia e sua expropriação, pela imposição da ditadura do proletariado - nosso próprio poder – a única solução para fazer avançar a liberação da mulher de toda a exploração e opressão.

Um debate no marxismo

"A LUTA DE CLASSES E A QUESTÃO DA MULHER"

Apresentamos às organizações operárias, da juventude e ao amplo movimento em defesa dos direitos da mulher esse caderno de debate.
Adiantamos o programa de nosso movimento "Lugar à Mulher Trabalhadora" e as posições clássicas do marxismo perante a questão da mulher.
Com tal finalidade reproduzimos extratos e citações da III Internacional, Leon Trotsky, Evelyn Reed, Alexandra Kollontai e Domitila Chungara Barrios.

 PASO A LA MUJER TRABAJADORA

Notas do programa marxista revolucionário para mulheres trabalhadoras

Precisamente porque a exploração tripla da mulher trabalhadora é uma questão de classe, e só pode ser resolvida derrubando o regime burguês e com a imposição do socialismo, não há um programa distinto e separado para as mulheres trabalhadoras do programa revolucionário, mas as demandas das mulheres trabalhadoras fazem parte do programa da classe operária. O dever dos revolucionários é lutar pela classe trabalhadora como um todo e para levar estas demandas como parte de seu programa de luta.

O ponto central destas exigências é acabar com o trabalho não remunerado das mulheres trabalhadoras: a luta é para que o patrão e o Estado burguês paguem pelo trabalho socialmente necessário, e que esse trabalho seja tomado como responsabilidade da sociedade como um todo, uma questão que, mais uma vez, só pode ser realizada através do triunfo da revolução proletária e da sociedade socialista.

Portanto, é necessário que a classe trabalhadora entre nesta luta, em primeiro lugar, a demanda de trabalho igual, salário igual e benefícios para as mulheres trabalhadoras, e um salário por cada criança da mulher de classe operária, que irá crescer como futuro trabalhador. Para que as mulheres da classe trabalhadora que decidem trabalhar na criação dos filhos e em casa, nós lutamos para que os patrões e o Estado paguem um salário mínimo igual ao custo da cesta básica, com todos os direitos (aposentadoria, décimo-terceiro, férias pagas, serviço social, etc.).

A mulher trabalhadora, para ir trabalhar ou fazer qualquer atividade, é forçada muitas vezes a ter de deixar seus filhos sozinhos, ou gastam muito do seu magro salário pagando para que cuidem deles. Portanto, lutamos por **licença maternidade de dois anos, paga pelos patrões e pelo Estado; e creches gratuitas, com pessoal qualificado e profissional, garantida pelo Estado e sob controle operário, abertas 365 dias por ano, 24 horas**, para que as mulheres da classe trabalhadora possam trabalhar, estudar, praticar esportes, se divertir , sabendo que seus filhos são bem cuidados e seguros. Esta luta é inseparável da luta pela saúde e educação pública, gratuita de alta qualidade, com base no fim dos subsídios para o ensino privado, a expropriação de todos os estabelecimentos de ensino, asilos e clínicas privadas, e impostos progressivos às grandes fortunas e nos países semicoloniais, com base em romper com o imperialismo, não pagar a dívida externa, etc.

Enquanto cinicamente empenhados em pregar a "defesa da família", a burguesia e suas instituições destroem a família da classe trabalhadora. Eles não somente pagam salários de miséria e impõem dias cansativos de trabalho, mas, quando chegam às suas casas, os trabalhadores e, acima de tudo, as mulheres trabalhadoras, têm de gastar tempo fazendo compras, cozinhando, lavando roupas, etc. As mulheres da classe operária e os trabalhadores têm direito a descanso, ao esporte, a brincar com seus filhos, a dedicar tempo "livre" para sua família: os trabalhadores querem **restaurantes abertos 24 horas por dia, pago pelos patrões e o Estado, e organizado sob controle dos trabalhadores, e com a melhor comida para que nossos filhos comam bem! Queremos lavanderias comunitárias equipadas com a melhor tecnologia e pagas pelo estado, sob o controle dos trabalhadores!**

Estes pontos que nós levantamos são apenas algumas das exigências da luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras que, juntamente com reivindicações democráticas, tais como o direito ao aborto livre, devem ser tomadas por toda a classe operária como uma questão de primeira ordem, uma vez que, como disse a III Internacional Revolucionária em 1921: "*Tanto a conquista do poder pelo proletariado como a construção do comunismo nos países que derrubaram a opressão burguesa,* não podem ser alcançados sem o apoio ativo da massa proletári*a ou semiproletário feminina*". (idem)

LOI – CI – Democracia Obrera

COMPANHEIRA MARIELLE FREANCO PRESENTE!

JULGAMENTO E PUNIÇÃO AOS ASSASSINOS DE MARIELLE E ANDERSON!

AS VIDAS DOS EXPLORADXS NEGRXS IMPORTAM! PAREM DE NOS MATAR!

VIVA AS MULHERES DA RESISTÊNCIA SÍRIA!
FORA ASSAD-PUTIN-TRUMP, OS MAIORES FEMICIDAS DO SÉCULO XXI!

Na Síria está acontecendo um verdadeiro genocídio contra uma heroica revolução que foi pelo pão. As mulheres sofrem a destruição de suas casas, a morte de seus filhos e esposos. Se conseguem escapar das bombas e chegar num campo de concentração, a ONU as estupra e atacam seus filhos em troca de um pedaço de pão. **BASTA! ELAS DESDE AS ÚLTIMAS TRINCHEIRAS DA REVOLUÇÃO GRITARAM “ESSA É A REVOLUÇÃO DO POVO! QUE SE ABRAM AS FRENTES E SE UNIFIQUEM AS BRIGADAS NUM SÓ COMBATE PELA QUEDA DO REGIME!”**

Elas resistem e mantêm viva a revolução com seu kalashnikov e seus filhos no colo. São elas as verdadeiras lutadoras anti-imperialistas, enquanto a esquerda islamofóbica quer que acreditemos que o único progressivo e a vanguarda na região na luta contra a opressão das mulheres são as milícias das YPG. Enquanto a direção da YPG foi quem pactuou com Al Assad, atirando pelas costas contra a resistência síria e traindo ao próprio povo curdo.

É preciso que todas as organizações feministas que lutam pelos direitos das mulheres trabalhadoras e as organizações operárias levantem as demandas das mulheres da resistência síria!

Que os panos verdes não limpem as mãos ensanguentadas dos assassinos de milhares e milhares de mulheres oprimidas sírias e palestinas!

É PRECISO ABRIR UMA FRENTE EM TODO O MUNDO CONTRA OS MAIORES FEMICIDAS A NÍVEL MUNDIAL!